

Mulheres, trabalho e educação: escutas e vivências de estudantes da EJA-EPT do IFSul câmpus Venâncio Aires

*Mujeres, trabajo y educación: escuchas y experiencias de estudiantes de
EJA-EPT del IFSul campus Venâncio Aires*

Fabrizio Luis Haas¹

Mariana Jantsch de Souza²

Resumo

Neste texto, propomos partilhar nossa experiência pedagógica no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica de Jovens e Adultos (EJA-EPT) com três turmas compostas exclusivamente por mulheres. Trata-se do trabalho realizado no curso Técnico em Secretariado no IFSul, câmpus Venâncio Aires-RS, nos períodos letivos de 2019 a 2024. Este relato é entrelaçado a uma reflexão crítica acerca dessa vivência profissional e de seus ecos para a construção de um olhar docente mais humano e humanizador. A seguinte pergunta orienta este relato: como é o percurso de escolarização tardia de mulheres de classes sociais vulneráveis? Para tanto, serão abordadas as especificidades desta modalidade de ensino e os aspectos sócio-culturais que permearam o percurso dessas mulheres estudantes, bem como o contexto pandêmico e pós-pandêmico que perpassou esse interstício de tempo. Esta vivência possibilitou um aprendizado concreto sobre o feminino, sobre o feminismo, sobre sororidade, sobre ciclos sociais violentos vividos por essas mulheres. Estas experiências trouxeram oportunidade de aliar conhecimentos teóricos à prática profissional docente, consolidando um olhar mais crítico sobre os papéis sociais que as sociedades patriarcais, tradicionalmente, atribuem às mulheres; bem como, sobre a importância do feminismo e da sororidade para a construção de uma sociedade mais justa. Foi uma vivência que promoveu um empoderamento efetivo nos moldes freirianos.

Palavras-Chave: EJA-EPT; mulheres; docência; empoderamento.

Resumen

En este texto nos proponemos compartir nuestra experiencia pedagógica en el ámbito de la Educación Profesional y Tecnológica para Jóvenes y Adultos (EJA-EPT) con tres promociones compuestas exclusivamente por mujeres. Este es el trabajo realizado en el curso de Técnico de Secretaría del IFSul, campus Venâncio Aires-RS, en los períodos académicos de 2019 a 2024. Este informe se entrelaza con una reflexión crítica sobre esta experiencia profesional y sus ecos para la construcción de una perspectiva más humano y humanizador. La siguiente pregunta guía este informe: ¿cómo es la trayectoria de escolarización tardía de las mujeres de clases sociales vulnerables? Para ello, se abordarán las especificidades de esta modalidad de enseñanza y los aspectos socioculturales que permearon el camino de estas estudiantes, así como el contexto pandémico y post pandémico que atravesó este intersticio de tiempo. Esta experiencia permitió aprendizajes concretos sobre lo femenino, sobre el feminismo, sobre la sororidad, sobre los ciclos sociales violentos que viven estas mujeres. Estas experiencias brindaron la oportunidad de combinar conocimientos teóricos con la práctica profesional docente, consolidando una mirada más crítica sobre los roles sociales que las sociedades patriarcales tradicionalmente atribuyen a las mujeres; así como la importancia del feminismo y la hermandad para construir una sociedad más justa. Fue una experiencia que promovió un empoderamiento efectivo siguiendo líneas freireanas.

Palabras claves: EJA-EPT; mujer; enseñanza; empoderamiento.

¹ Mestre em Educação (Unisc, 2015); Docente no IFSul, câmpus Venâncio Aires-RS, Brasil; fabriziohaas@ifsul.edu.br.

² Doutora em Letras (UCPel, 2018); Docente no IFSul, câmpus Venâncio Aires-RS, Brasil; marianasouza@ifsul.edu.br.

1. EJA-EPT: pesquisa entrelaçada à prática docente

Muitos pesquisadores e pesquisadoras debruçam-se em análises sobre as mais diversas etapas da educação escolarizada. Alguns/mas estudam a Educação Infantil, concentrando-se em entender as diversas fases de aprendizagem das crianças, principalmente tendo como pano de fundo as profundas mudanças que têm ocorrido em termos técnicos e tecnológicos. Ainda dentro desse campo, há pesquisadores/as que estudam as dificuldades de alfabetização e as diversas estratégias envolvidas no letramento e mergulho no mundo lúdico dos conhecimentos. Há outros que se dedicam a compreender os desafios pertinentes ao Ensino Médio, ao nível superior e também às pós-graduações. A educação, como um campo de estudos, é vasta e complexa.

Nos últimos anos, nossos interesses de pesquisa concentram-se na Educação de Jovens e Adultos no âmbito da Educação Profissional e Técnica (EJA-EPT), conforme Haas e Souza (2023) e Souza e Haas (2022 e 2023), em investigações e reflexões que se originam de nossa atuação como docentes no curso Técnico em Secretariado do IFSul Campus Venâncio Aires. Na presente proposta, com vistas a construir uma análise reflexiva, apresentamos o “estado das artes” do curso, sua procura, o perfil dos/as estudantes e a situação apresentada nos últimos anos, para (re)pensar o curso na conjuntura social atual.

O dilema central de equilibrar o trabalho com a jornada de estudos, que sempre acompanhou os/as trabalhadores/as da EJA, ficou ainda mais evidente nos últimos anos. Assim, nesta reflexão buscamos problematizar os eixos que dão título ao presente texto: mulheres, trabalho e educação. A partir da escuta de depoimentos das próprias estudantes e com o olhar sensível às desigualdades sociais e suas interseccionalidades que atravessam essa modalidade de ensino, buscamos refletir sobre nossa experiência docente e a escolarização tardia de mulheres de classes sociais vulneráveis. Em razão disso, a questão que guia nosso exercício crítico-reflexivo é: Como é o percurso de escolarização tardia de mulheres de classes sociais vulneráveis? Para responder a esse questionamento, nossas reflexões perpassam aspectos relacionados ao acesso e exercícios de direitos, às questões do mundo do trabalho, às questões de classe, de raça e de gênero que permeiam as relações sociais e afetam os modos de ser e estar no mundo.

2. Mulheres, trabalho e educação

Dessa forma, dentre a gama de diversos enclaves educacionais, nosso interesse está, atualmente, nas oportunidades, expectativas, desafios e experiências associadas com a EJA no processo de escolarização de mulheres trabalhadoras, bem como o atravessamento de diferentes interseccionalidades. Nos últimos anos, em nossos textos, tratamos de temas que consideramos importantes: a) a adoção de ensino remoto em tempos de pandemia; b) as consequências do pós-pandemia para a EJA-EPT; c) as mudanças efetivadas no curso, adequando-o a um mundo pós-pandêmico; d) as dificuldades enfrentadas pelos/as trabalhadores/as que, após um dia inteiro de trabalho, ainda têm um turno de estudos pela frente. Foi este percurso crítico-reflexivo que nos trouxe à presente empreitada e nos motivou a problematizar os eixos mulheres, trabalho e educação.

Agora, direcionamos nossos olhares para um outro tema que se mostrou muito relevante, de modo transversal, em nossas pesquisas e estudos: as articulações imbricadas entre educação e gênero. De imediato, queremos destacar que, do ponto de vista teórico, gênero não significa - ainda que existem muitas confusões - de estudos sobre as mulheres. Historicamente, no entanto, em virtude do caráter altamente patriarcal das sociedades e também em função das lutas implementadas pelos movimentos sociais, entre eles, o

movimento feminista, é muito recorrente que os/as pesquisadores/as que estudam o campo das relações de gênero, dediquem-se ao estudo sobre as mulheres.

Consideramos crucial realizarmos um duplo movimento para a exposição de nossa condição enquanto docentes e pesquisadores/as. Acreditamos que é impossível dissociar nossa atuação como professores/as dos nossos olhares como pesquisadores/as. Isso pode até parecer óbvio, mas até o óbvio precisa ser dito e reafirmado. No dia a dia da sala de aula, procuramos desenvolver nosso trabalho docente, criando estratégias de ensino e aprendizagem, mas também observando a realidade social em que nossos/as estudantes estão inseridos/as. Não há como separar conteúdos, conceitos e a formação teórica que nos habita, das vivências observadas na sala de aula. Isso vai ao encontro do que dizem as autoras abaixo:

Nossas interrogações e as pesquisas que elas instituem nos desafiam, do mesmo modo, a embarcar em viagens que podem nos colocar em contato com mundos e realidades que podem ser, ao mesmo tempo, diferentes e próximas das nossas e, outras vezes, borrar, completamente, aquilo que aprendemos, até então, a conhecer, pensar, dizer e viver (MEYER; SOARES, 2005, p. 31).

Ao atuarmos num curso de EJA, tomamos contato com realidades que podem estar mais próximas do nosso cotidiano ou, em muitos casos, mais distantes de nossa realidade social. Somos indivíduos atravessados/as pelo viés etário, de classe social, gênero e etnia, nos possibilitando vivências e acessos que podem ser muito diferentes daquelas pessoas que estão conosco em cada aula. Acreditamos ser fundamental manter esse olhar atento, o tempo todo. Tanto para uma direção, quanto outra: sem nos enredarmos num paternalismo conivente ou num vitimismo que nada acrescenta à autonomia dos indivíduos educandos/as, bem como evitar comparações cognitivo-educacionais que não consideram o contexto histórico, cultural e social das pessoas que estudam na Educação de Jovens e Adultos.

Ainda sobre os estudos de gênero, quando focamos nossos olhares nas mulheres estudantes da EJA-EPT, não podemos resumir nossas análises somente à coletividade feminina. Os homens que fazem parte das relações sociais destas mulheres, sejam eles padrões, maridos ou filhos, também são responsáveis pela reprodução das desigualdades de gênero. Não podemos analisar as mulheres fora de seus contextos sociais. Mesmo que existam muitos maridos atenciosos e compreensivos, com o fato de suas esposas estarem fora de casa em todas as noites da semana, nem todos têm essa conduta. Há chefes que exigem que suas trabalhadoras fiquem até mais tarde no trabalho; há maridos ciumentos e/ou machistas que não ficam satisfeitos em ver suas esposas estudando e ampliando seus horizontes. Há filhos, mesmo com idade o bastante para darem conta de tarefas domésticas, que fazem questão de deixar bem visível a sua insatisfação em não ter suas mães em casa.

Estamos tomando o termo gênero como um construto social que se refere à aquisição da masculinidade e da feminilidade (JUTEAU, 2009). Ou seja, o termo “designa o significado social, cultural e psicológico imposto sobre a identidade sexual e biológica. [...] tem a vantagem prática de nos permitir falar tanto sobre mulheres quanto sobre homens” (FUNCK, 1994, p. 20). Quando tratamos de gênero nessas reflexões, nos referimos à construção sócio-histórica de determinado padrão masculino e feminino de comportamento, perpassado pela dominação do primeiro sobre o segundo. Por isso, trata-se de uma questão de poder e de (des)igualdade. Decorre daí a imposição de um certo espaço, função e papel social como próprios (e naturais) para o masculino e para o feminino, delimitados de forma restritiva (com ares coercitivos).

3. Escutas e vivências de estudantes da EJA-EPT do IFSul câmpus Venâncio Aires

No ano letivo de 2024, com o fim de reunir material para a presente pesquisa, foi realizada uma atividade de escuta na aula de Sociologia, em que as estudantes do 1º ano do Curso Técnico em Secretariado, de modo anônimo, relataram seu cotidiano de trabalho e a dificuldade em conciliar estudo, trabalho e família. A seguir, trazemos alguns desses relatos:

Estudante A: Trabalho dez horas por dia sem horário para almoço ou descanso. Sou a única funcionária e cuido tanto da loja na qual trabalho, quanto das redes sociais. Sou atendente, caixa, a menina do marketing, que limpa e repõe toda a mercadoria. Largo meia hora antes da aula começar. Tenho que sair correndo, atravessar a cidade, comer e chegar a tempo em 30 minutos. Isso é muito cansativo, pois após a escola, atravesso a cidade, chego tarde em casa e, além de me cuidar, tomar banho, preparar as coisas para o outro dia, fazer algo para comer, e – às vezes – lavar roupa, quando vou descansar, já passou da meia noite. Enfim, estou na luta comigo mesma para continuar e não desistir, pois trabalho aos sábados e no domingo só me resta fazer as tarefas de casa e dar um pouco de atenção ao meu namorado.

Estudante C: Vou falar um pouco do meu dia a dia. Eu tenho um pouco de dificuldade em algumas tarefas domésticas, por conta de usar uma prótese: não consigo dobrar minha perna. Mas nunca deixei de fazer algo por conta disso. Hoje estou com um probleminha com a minha perna, por isso não consigo vir de topic para as aulas como de costume. Então estou vindo de carro e me desloco com minha cadeira de rodas, com a ajuda de meu marido. Mas aqui no colégio tenho toda a assistência dos colegas, professores e colaboradores. Sou muito grata por toda essa ajuda. Por conta de ter dificuldades financeiras familiares, quando fiz 14 anos, tive que parar de estudar para ajudar com as rendas em casa. Depois de 35 anos, tive que voltar à sala de aula, para voltar ao mercado de trabalho. Fiz o ensino fundamental na EMEF Dois irmãos e hoje estou aqui para concluir o ensino médio.

Considerando os limites deste gênero textual, para cumprirmos as normas do evento, esclarecemos que as análises e discussões acerca dos relatos serão feitas no artigo completo.

4. Conclusões

Esta proposta mesclou um relato de experiência com inquietações decorrentes de nossa formação teórica e de nossa prática profissional. Buscamos, em todas as nossas produções sobre EJA-EPT, contribuir para o registro histórico e educacional da experiência com essa modalidade de ensino. Quando atentamos para a questão sobre como é o percurso de escolarização tardia de mulheres de classes sociais vulneráveis, nos defrontamos com as dificuldades que essas mulheres enfrentam para realizar o processo de escolarização tardia. Assim, neste texto, redirecionamos o olhar e problematizamos as articulações imbricadas entre educação e gênero, abordando os papéis sociais que, tradicionalmente, as sociedades patriarcais acabam atribuindo a mulheres e homens e o quanto essas construções sociais dificultam o percurso de nossas alunas.

Inspirados pelas lições de Freire, reafirmamos nossa certeza de que a docência exige conhecimento, estratégias educacionais, planejamento e uma boa dose de esperança. Mas, afora esses aspectos relacionados ao universo intramuros escolares, professoras e professores, que buscam dar um sentido mais amplo ao seu fazer docente, também direcionam seus olhares para a educação como um ato político. Isso porque, para além das salas de aula, atentamos, neste exercício reflexivo, para a complexa realidade histórico-social que impacta, de modo profundo, as vivências das/dos estudantes. Dessa forma, entendemos que é a junção

das vivências dos indivíduos com o tensionamento dos eixos aqui mobilizados que poderemos construir outras formas de compreensão dessas diferentes realidades profissionais e sociais.

Referências

BEZERRA, Elaine; CORTELETTI, Roseli; ARAÚJO, Iara. Relações de trabalho e desigualdades de gênero na indústria têxtil e de confecções do nordeste. *Caderno CRH* (Online), Salvador-BA, v. 33, 2020, p. 1-20.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Educação Profissional Técnica de Nível Médio / Ensino Médio. Documento Base. Brasília, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança - um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FUNCK, Susana Bornéo. Da Questão da Mulher à Questão do Gênero. In: Susana Bornéo Funck. (Org.). *Trocando Ideias: Sobre a Mulher e a Literatura*. Florianópolis: EDEME, 1994.

HAAS, Fabrício Luis; SOUZA, Mariana Jantsch de. Desafios e possibilidades da Educação de Jovens e Adultos pós-pandemia: um olhar a partir da experiência na EJA-EPT no IFSul-câmpus Venâncio Aires. In *Anais IX Encontro Humanístico Multidisciplinar e VIII Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares*, 2023.

JUTEAU, Danielle. Etnicidade e nação. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, M. V; BUJES, Maria I. (Org.) *Caminhos investigativos III*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SOUZA, Mariana Jantsch de; HAAS, Fabrício Luis. Reflexões sobre Educação Profissional de Jovens e Adultos, pandemia e Ensino Remoto: considerações a partir da experiência pedagógica no IFSul, Câmpus Venâncio Aires. In MARTINS, Vinicius et al. (Orgs.) *IFSul no enfrentamento à Covid-19: projetos e ações realizados*. Pelotas-RS: Editora IFSul, 2023.

SOUZA, Mariana Jantsch de; HAAS, Fabrício Luis. Reflexões sobre Educação Profissional de Jovens e Adultos, pandemia e ensino remoto: um relato da experiência pedagógica no IFSul, Câmpus Venâncio Aires. In *Anais VIII Encontro Humanístico Multidisciplinar e VII Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares*, 2022.